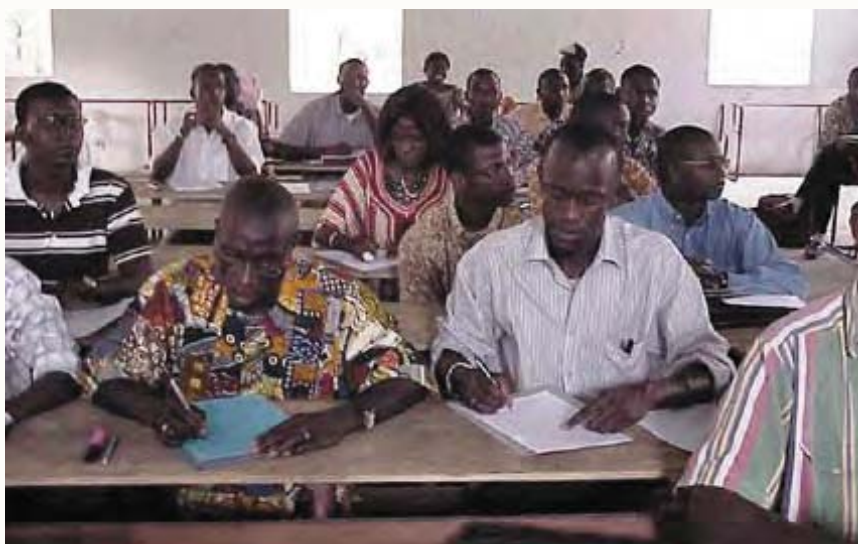


## 5 de Maio Dia da Língua Portuguesa na CPLP

■ A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) comemora hoje, 5 de Maio, pela primeira vez, o «Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP», instituído a 20 de Julho de 2009, por resolução da XIV Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da CPLP, realizada na Cidade da Praia, Cabo Verde.

O documento da CPLP justificava a decisão pelo facto de a língua portuguesa constituir, entre os povos da comunidade, «um vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multissécular que deve ser valorizada». Declarava ainda que a língua portuguesa é um «meio privilegiado de difusão da criação cultural entre OS povos que falam português e de projecção internacional dos seus valores culturais, numa perspectiva aberta e universalista» e, «no plano mundial, fundamento de uma actuação conjunta cada vez mais significativa e influente».

O Conselho de Ministros da CPLP, que recomendava aos Estados membros e associados a celebração do Dia, definiu, entretanto, em Março passado, em Brasília, uma estratégia concertada para a afirmação internacional



do português, nomeadamente no sistema das Nações Unidas, sob a forma de um plano de acção a ser apresentado para aprovação à VIII Cimeira da organização, este ano,

em Luanda, estratégia essa que inclui a promoção de programas de apoio à formação de tradutores e intérpretes e a contribuição para a valorização dos profissionais que

actuem nestas áreas.

O plano da CPLP compreende também um conjunto vasto de medidas que visam a promoção e difusão do ensino da língua portuguesa

(LP), tanto em países terceiros – como língua estrangeira (PLE) –, como no seu próprio espaço.

No primeiro contexto, destaca-se o estímulo à oferta de formação em língua portuguesa para públicos diversificados, designadamente a formação para fins específicos, e ainda a ampliação da «oferta de formação em língua portuguesa no ensino básico e secundário em países terceiros» e de «cursos de língua portuguesa em universidades estrangeiras, mediante a abertura de cátedras, leitorados e centros de língua portuguesa».

Quanto às medidas relativas ao seu próprio espaço, o Plano de Acção de Brasília advoga «optimizar os programas de formação de professores de língua portuguesa e em língua portuguesa», articulando «acções de cooperação para a capacitação de professores de língua portuguesa do ensino fundamental/básico e médio/secundário», tendo em conta as especificidades do português de cada Estado membro, e ampliar a formação contínua/continuada de professores de português e de outras disciplinas.

O documento propõe também o desenvolvimento da cooperação na CPLP na identificação e edição de materiais didácticos e pedagógicos, que «atendam às características socioculturais, políticas, económicas e linguísticas dos Estados Membros».

Alguns campos são eleitos para o fortalecimento da coope-

CONT. NA PÁGINA 4

## O Instituto Camões e o ensino do português nos PALOP

■ O Instituto Camões, enquanto instituição de um país da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), tem como uma das suas linhas de orientação o desenvolvimento da cooperação específica com os PALOP na área dos programas académicos e formativos.

Esses programas visam a progressiva dotação dos países com quadros do ensino devidamente graduados e/ou actualizados sob o ponto de vista científico-pedagógico, por forma a promover a excelência da língua portuguesa (LP) como língua de ensino, de investigação, ciência e comunicação.

Uma vez que a LP é transversal a todo o sistema educativo dos PALOP, otimizar as competências linguísticas do universo estudantil é uma questão fulcral na formação escolar de qualquer indivíduo.

Visando esse objectivo está a formação inicial de professores de português do ensino superior e secundário. Actualmente, as 12 instituições de ensino superior dos PALOP, com as quais o IC coopera, têm currículos de licenciatura em ensino da LP, currículos esses que reflectem metodologias de ensino e aprendizagem do português como língua não materna. Em formação nesta área específica estão vários milhares de estudantes estudantes. E a intervenção do IC é aqui feita em grande medida pela presença nas instituições de ensino superior dos seus leitores/formadores.

O IC apoia igualmente a formação linguística curricular dos futuros professores de outras disciplinas do ensino superior/secundário, bem como a optimização de competências linguísticas de estudantes de faculdades que não

têm a ver, directamente, com o ensino do português – Faculdades de Direito e Economia, nomeadamente.

Neste âmbito, um segundo aspecto prende-se com a formação dos quadros dos departamentos de português das instituições de ensino superior, mediante a concessão de bolsas e de apoio à criação de mestrados, o que aconteceu pela primeira vez em Angola, em 2005, com 3 mestrados criados nas secções do Lubango (o primeiro) e Luanda do Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto.

Sendo que a LP é ensinada em países africanos onde é idioma oficial, mas não é língua materna da maioria da população, o IC é parceiro da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), num projecto de apoio à caracterização

do português em contextos de línguas bantu, com o objectivo de definir o perfil de competência em português dos estudantes universitários e de construir materiais para, de forma sistemática, fazer face a erros recorrentes.

O projecto, que abre caminho à eventual caracterização de uma variante moçambicana do português, poderá vir a ser estendido a outros países africanos com contextos semelhantes, dada a sua importância no âmbito da planificação pedagógica.

Consequência ainda da presença de mais de uma língua no espaço formal de aprendizagem nos PALOP, o IC apoia a construção e edição de dicionários bilingues, de gramáticas pedagógicas e de manuais escolares, nomeadamente na Guiné-Bissau, contribuindo por essa via para a fixação das línguas nacionais nesses países.

Uma outra preocupação partilhada com as respectivas direcções de instituições do ensino superior com as quais o IC coopera tem sido a existência de departamentos de

português coesos e motivados, dotados de quadros universitários em exclusividade, para cuja contratação o instituto tem contribuído.

Mas o eixo mais abrangente de cooperação é o que diz respeito à formação contínua de professores em exercício do ensino secundário, que ocorre com a colaboração do IC em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique. Encontram-se envolvidos 5 leitores do IC, 62 professores-formadores destes 3 países, e um público, no presente, de cerca de 5 mil professores-formandos. Indirectamente, beneficiam cerca de 340.400 alunos.

Este domínio não esgota todavia a acção do IC no campo da LP nos países africanos da CPLP, que se estende a domínios em que o português é usado como idioma de conferência, de diplomacia e de trabalho, nomeadamente através da formação de tradutores e de parlamentares, tanto nos PALOP como em países vizinhos. Tudo isto apoiado numa infra-estrutura que compreende 18 centros de língua portuguesa e uma cátedra.

## 30 anos do Centro Cultural Português da Praia Plataforma oceânica

■ Não se afigura tarefa fácil conceber e executar a programação de um centro cultural português num país que fica no meio do Oceano Atlântico, face àquilo que é o seu primeiro objectivo estatutário – promover a língua e a cultura portuguesas. João Laurentino Neves, 47 anos, director do Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) da Cidade da Praia, em Cabo Verde, reconhece-o implicitamente quando diz que «um dos permanentes desafios do centro» que dirige é «elevator a componente portuguesa da programação».

Essa primeira missão, o Centro Cultural Português da Praia, criado há 30 anos, faz por cumpri-la, «apresentando propostas da contemporaneidade artística, literária, científica portuguesa», que vão ao encontro do seu público, seja ele português ou cabo-verdiano, e afirmando assim «uma imagem de modernidade» de Portugal, segundo afirma o também adido cultural da Embaixada portuguesa em Cabo Verde.

Mas Cabo Verde impõe aquilo que noutras latitudes se chamaria ‘custos de insularidade’, pela distância e pela sua própria estrutura arquipelágica. É difícil, admite, «fazer deslocar companhias de teatro, de dança ou espectáculos de maior complexidade e qualidade com a regularidade desejada». E nem sempre tem sido possível fazer itinerar pelo pólo do Mindelo do CCP alguns dos artistas portugueses que vêm à Praia. O centro recorre a parcerias com o sector privado, mas estas têm «a dimensão do próprio mercado cabo-verdiano», repre-



Companhia de Dança Raiz di Polon

sentando ainda assim metade do orçamento destinado a actividades. «Temos procurado efectuar uma gestão muito criteriosa desses recursos, valorizando uma perspetiva de sustentabilidade», sublinha João Laurentino Neves, que é licenciado em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade do Porto e foi leitor do IC em Moçambique, entre 1995 e 2000.

Todavia, uma vista de olhos pela programação para 2010 mostra nomes como Mariza, Bernardo Sasseti ou Clara Andermatt. E as

limitações não afectam sobretudo aquele que deve ser um outro objectivo do centro, no dizer de Laurentino Neves: ser um «espaço de referência para a contemporaneidade cabo-verdiana», onde sejam exibidas as «criações culturais que enformam a sua identidade e que traduzem, também, a ruptura ou a actualização desse património».

Daqui resulta que João Laurentino Neves – entre 2000 e 2002 responsável do Centro Coordenador dos Centros de Língua Portuguesa no Instituto Camões, em Lisboa

– veja o CCP/IC da Praia como uma «plataforma – espaço de partilha e transferência nos dois sentidos, agente activo na construção do diálogo inter-cultural e na promoção do melhor conhecimento do Outro».

Nesta plataforma, o director do CCP/IC quer «eventos de qualidade», que garantam «mais-valias» para artistas, públicos e outros agentes culturais e que criem «eventos de referência na agenda cultural local» cabo-verdiana. Assim, diz, «a música, o cinema, as artes plásticas e as de palco, a realização de conferências e de formações técnicas e artísticas, a promoção da edição, do livro e da leitura e a realização de cursos de Língua Portuguesa têm presença permanente» no Plano Anual de Actividades do centro. O centro ganhou uma forte tradição editorial que procurou manter com a criação do Prémio *Sena Barcelos*, no âmbito do qual foram já editadas, entre outras, 5 obras relacionadas com a historiografia e a cultura cabo-verdiana.

Nesta diversidade de formas culturais, «a música é sem dúvida», no país da *morabeza* (da afabilidade ao receber), «o aspecto mais visível, transversal e expressivo da cultura cabo-verdiana, dentro e fora» de portas, considera João Laurentino Neves. Uma valência que a programação do CCP/IC reflecte expressivamente. No entanto, nos últimos anos, assiste-se ao «surgimento de novos criadores e investigadores na literatura, na pintura, na dança, nas artes visuais, a par da confirmação do trabalho de figuras e instituições que são referências locais», indica o adido cultural português.

Esta é, segundo João Laurentino Neves, «uma fase interessante do ponto de vista, chamemos-lhe, da efervescência e da pedagogia» cultural em Cabo Verde. «Não existindo ainda o ensino artístico no currículo de estudos, nem formação superior em qualquer das artes

(aspectos agora a serem analisados) há uma certa (salutar) ‘confusão’ no meio, que a inexistência de uma crítica abalizada vai adensando. Mas trata-se de uma fase importante e necessária porque esta é a melhor sensibilização – ver, ouvir, ler, reflectir e ir tomando decisões e fazendo opções», declara.

O surgimento da Universidade de Cabo Verde (pública) e de outros estabelecimentos de ensino superior (sete no total) e uma maior intervenção cultural da administração central e local «veio reforçar esta dinâmica», no entender do director do CCP/IC. «Há, por isso, uma maior oferta de conteúdos, a que vai correspondendo também uma diversificação dos agentes e promotores culturais privados e institucionais», entre os quais estão os centros culturais estrangeiros na Praia e no Mindelo.

Para a sua missão, o CCP/IC da Praia dispõe de instalações que «foram objecto de uma intervenção em 2002 que em muito melhoraram as condições de trabalho», garante o seu director. As alterações introduzidas no salão polivalente (palco de espectáculos e exposições) e os esforços para o dotar de autonomia em termos de equipamentos de som, luz, audiovisual, tornou-o «numa das estruturas mais bem equipadas da cidade». Os serviços da biblioteca pública foram também objecto de melhoria significativa nessas obras e possuem um acervo bibliográfico que procura atender às necessidades sobretudo dos estudantes dos diversos graus de ensino.

O papel do CCP/IC em Cabo Verde tem sido apreciado. Em 2005, foi distinguido pelo Governo da Praia com o 1º Grau da Medalha de Mérito e, em 2007, integrou um conjunto de homenageados pela Câmara Municipal da Praia. Distinções que, segundo Laurentino Neves, traduzem o reconhecimento do papel do centro na promoção do diálogo intercultural entre os dois países.

## Um ano de comemorações

■ 2010 é um ano comemorativo para o Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) da Praia e para o seu pólo do Mindelo. Não só porque fazem 30 e 25 anos de idade, respectivamente, mas também porque se assinalam os 550 anos da descoberta das ilhas e o 35º aniversário da independência do país. Na maré das comemorações está também a realização, em Outubro, de um colóquio internacional, no âmbito do Centenário da República, que deverá contar com investigadores portugueses e cabo-verdianos.

O contributo do CCP/IC para as comemorações cabo-verdianas já começou a 23 de Abril quando Mariza realizou um concerto

na Praia. Segundo o seu director, João Laurentino Neves, o centro está agora a trabalhar em novos eventos, que poderão ser um espectáculo da Companhia Nacional de Bailado, em Junho, e a apresentação de *Void*, de Clara Andermatt, em Outubro.

Bernardo Sasseti será o nome a apresentar em Novembro, no ciclo ‘Pianistas’, organizado pelo centro, que já levou a Cabo Verde Sequeira e Costa, Mário Laginha e António Victorino d’Almeida. Ao longo dos sete anos à frente do CCP da Praia, João Laurentino Neves apresentou inúmeros nomes da música portuguesa, como Pedro Jóia, Luis Represas, Joel Xavier, Sara Tavares, Pedro Carneiro, João Afonso, José

Peixoto e Maria João.

Já este mês, uma nova colaboração com o Hot Clube de Portugal levará o *Ensemble* do clube para um concerto e a realização de oficinas com músicos locais. Em Outubro decorrerá a apresentação de Júlio Pereira no âmbito do ‘Festival Sete Sóis Sete Luas’, com o qual o centro coopera e que já permitiu escutar, entre outros, Rão Kyao, Galandum Galundaina e Dazkarieh.

Fiel à sua linha de constituir o centro como plataforma de interculturalidade, João Laurentino Neves evoca os grandes nomes da música cabo-verdiana – Mário Lúcio, Tcheka, Vasco Martins, Tété Alinho, Princezito, mas também a nova geração como Eder, Remma Schwarz, Alberto Koenig – que o ciclo ‘Música da Terra, Sons do Mundo’ acolheu. O ciclo ‘Mestres’ permitiu homenagear Codé di Dona (já desaparecido) e Nácia Gomi,

«dois expoentes da mais tradicional música cabo-verdiana».

Para este ano, o director do CCP/IC destaca o facto de, pela primeira vez, o centro ter sido parceiro do Kriol Jazz Festival (8, 9 e 10 de Abril), «porventura o melhor festival de música da actualidade em Cabo Verde», segundo refere, tendo acolhido o concerto de abertura do Festival com o compositor e pianista Vasco Martins.

Mas nem só de música se faz uma programação. E assim, para além do III ciclo de documentário *Maio.doc*, numa parceria com a APORDOC que permite a apresentação de 12 obras portuguesas exibidas no DocLisboa, o CCP/IC vai iniciar um ciclo de curtas-metragens, em Setembro, e reforçar a exibição de cinema português na Semana da CPLP e Dia da Europa, refere João Laurentino Neves.

Pela mão do CCP/IC vieram

a Cabo Verde Clara Andermatt e Joana Providência, na dança, e José Pedro Gomes e as Comédias do Minho, no teatro. No arquipélago, com o apoio do centro, estiveram a lançar as suas obras e/ou a realizar conferências Isabel Barreno, Francisco Moita Flores, José Rodrigues dos Santos, José Luis Peixoto, José António Saraiva, Irene Pimentel, Fernando Rosas e Francisco Pinto Balsemão. Com o Centro Português de Serigrafia foram concretizadas duas grandes mostras de arte gráfica portuguesa, envolvendo mais de 40 artistas portugueses.

Do lado cabo-verdiano, Tchalé Figueira, Luisa Queirós, Alex Silva, Kiki Lima e Manuel Figueira tiveram exposições promovidas pelo centro que, ao longo destes anos, tem também prestado «um forte apoio à excelente companhia de dança Raiz di Polon», no dizer de João Laurentino Neves.



Grupo de Teatro do Pólo do Mindelo *No Inferno*

## 25 anos do Pólo do Mindelo Mudar as coisas

■ Nestes 25 anos de existência, o que dá satisfação a Ana Cordeiro é constatar que algumas das realizações pioneiras do 'seu' centro trouxeram realmente mudanças à sociedade cabo-verdiana. «Não são os grandes espectáculos que enchem páginas de jornais, mas são as coisas que ajudam a mudar a vida das pessoas», diz a responsável do pólo do Mindelo do Centro Cultural Português em Cabo Verde, há 23 anos à frente desta instituição integrada na rede do Instituto Camões (IC).

Pólo hoje, porque ao ser criado era originalmente um centro cultural, tutelado pela Cooperação Portuguesa (actual Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento), no âmbito do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Ana Cordeiro, 56 anos, licenciada em Filosofia pela Universidade de Coimbra e com um mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto, não se recorda do nome de quem o fundou. E não ficou registado no arquivo do pólo do Mindelo. Mas, entretanto, quando da criação da rede de centros culturais do IC, em 1995, foi estatuído que, por cada país, apenas haveria um centro cultural e o do Mindelo foi integrado como pólo do Centro Cultural Português (CCP) da Praia, a cidade capital do arquipélago, explica. Enquanto pólo, o Mindelo não é caso único. Existem pólos de centros culturais portugueses na Beira (Moçambique), na Ilha do Príncipe (São Tomé e Príncipe) e em Casablanca (Marrocos).

Mas que mudanças foram então trazidas pelo pólo do Mindelo?

Em primeiro lugar o teatro. Neste domínio, o pólo do Mindelo é um caso à parte no panorama dos centros culturais portugueses no estrangeiro. Possui desde há cerca de 17 anos uma «companhia residente», embora amadora, que tem à sua frente o encenador português e técnico do pólo João Branco (filho do músico José Mário Branco), fundador do Mindelact, o prestigiado festival internacional de teatro. «O centro cultural ajudou a mudar o panorama teatral em Cabo Verde», afirma peremptoriamente Ana Cordeiro, não sem antes sublinhar que ao falar de centro cultural está a falar do trabalho de João Branco.

A companhia tem sido chamada a representar a cidade do Mindelo, o que no dizer de Ana Cordeiro «mostra essa ligação entre o centro e a cidade». «Não é considerado um corpo estranho, ali», o que se compreende, porque foi opção fazer-se um centro cultural português «aberto também à cultura cabo-verdiana» e a outras culturas africanas de língua portuguesa. Embora a função primeira seja a divulgação da língua portuguesa, o crioulo cabo-verdiano «entra pontualmente» e o grupo de teatro tem mesmo no seu repertório algumas peças representadas em crioulo, o que «ajuda a manter essa relação com a cidade», sublinha a responsável do pólo. Também em crioulo, foram lançados alguns livros sob a chancela do CCP, cuja acção na área da edição ajudou a alterar significativamente o panorama editorial. «Fomos pioneiros [da publicação] de livros para crianças» e obras de referência

para «estudiosos», diz.

Como resultado, o pólo conta com «o apoio e a colaboração de todos os artistas cabo-verdianos na área da pintura, escritores que sempre trabalharam connosco, escritores que têm escrito especialmente para o CCP, pintores que não trabalhado para peças de teatro, que colaboram sempre que lhes pedimos», refere Ana Cordeiro, dando como exemplo as comemorações dos 30 anos do 25 de Abril, em que foi feita uma exposição colectiva com obras destinadas a assinalar a data.

Área em que o pólo inovou foi a das tecnologias, com a criação há 12 anos do primeiro cibercafé de Cabo Verde, com acesso à Internet. Nesse cibercafé foram feitos «muitos e muitos cursos de formação sobre como utilizar a Internet, o correio electrónico». Actualmente, o cibercafé – que era um espaço em que as pessoas se podiam reunir, conversar e depois ver os seus e-mails, consultar a internet – já desapareceu. «Já não fazia sentido», no entender de Ana Cordeiro.

Outra zona de pioneirismo do pólo do Mindelo foi a criação de pequenos cursos livres, um domínio que as instituições de ensino superior de Cabo Verde entretanto criadas têm também estado agora a trabalhar. São cursos de um mês, ao fim de semana, que duram entre as 8 e as 12 horas, dirigidos a públicos específicos, e que aproveitam «as pessoas que aparecem em Mindelo» ou recorrem a cabo-verdianos, explica a responsável do pólo.

Já foram feitos cursos sobre História de África, História de Cabo

Verde, Cultura Africana, Cidadania e Escrita Criativa. Presentemente, decorre um curso de Iniciação ao Latim, virado para alunos de liceu, e está a ser preparado um curso de Preservação de Património. Um dos cursos com mais edições é o de Escrita sobre Modelo, ou seja, um curso de Português para determinados modelos de escrita – como escrever uma carta, uma circular, uma acta, um relatório, um trabalho académico. «É muito útil, não só para estudantes, como também para pessoas que trabalham em empresas». Há um mínimo de doze alunos para que um curso abra, uma exigência que, paradoxalmente, o curso de Iniciação ao Latim e à Cultura Romana satisfaz pela terceira vez e que a última tentativa de realizar mais um curso de Escrita Criativa não atingiu, refere a responsável do pólo.

Difícil tem também sido dar continuidade aos cursos de Língua Portuguesa para estrangeiros. «A comunidade de estrangeiros em Mindelo é muito flutuante e neste momento há muito procura de estrangeiros, mas um quer um curso de 3 meses, outro quer um curso de meio ano, outro quer um curso... Isso é impossível e não conseguimos ter uma turma, como aconteceu há uns anos atrás», explica. Há no entanto momentos em que se justifica cursos com um determinado recorte, como aconteceu quando surgiu «uma grande comunidade de cubanos que queria aprender» Português ou numa altura em que muitos cabo-verdianos casaram com soviéticas que pretendiam aprender a língua. «Neste momento, isso é difícil», diz.

Mas aquilo que talvez tenha sido a acção mais importante da história do pólo foi a criação da primeira biblioteca pública de língua portuguesa no Mindelo. Inicialmente, foi uma biblioteca muito virada para os alunos do liceu. «Havia livros muito novinhos, muito bonitos e depois os manuais escolares, todos muito velhinhos», conta Ana Cordeiro. Mas esses livros, aparentemente sem grande utilidade, são hoje largamente consultados pelos estudantes do ensino superior, que entretanto se desenvolveu no país, apesar de já existirem outras bibliotecas públicas no Mindelo, nomeadamente a municipal e a da Universidade Lusófona.

A biblioteca tem um número muito significativo de utilizadores – cerca de 30 mil por ano, o que resulta naquele que é, talvez, o principal problema do pólo: a exiguidade das suas instalações alugadas num prédio antigo do centro do Mindelo. «A biblioteca não pode crescer. Isto significa que não há como colocar à disposição dos utentes todos os livros que temos». Ana Cordeiro sente também a falta de uma sala de exposições e de um pequeno anfiteatro, mas reconhece que este pode não ser «o momento ideal» para construir novas instalações para as quais já existe o espaço.

## Porquê o Mindelo?

O Mindelo, na ilha de São Vicente, é a segunda cidade mais importante de Cabo Verde e tem uma importância muito especial, porque é considerada a capital cultural do país. Isso explica porque abriga um pólo do Centro Cultural Português da Cidade da Praia, a capital política e administrativa do país arquipélago, situada na ilha de Santiago.

«Não conhecemos nenhum documento que, de algum modo, traduza a reflexão feita que levou à criação do Pólo», diz João Laurentino Neves. Mas o director do CCP da Cidade da Praia acredita que isso se deveu ao facto de a cidade-porto ter uma «grande tradição nos domínios da educação e da cultura (muitos dos grandes movimentos culturais cabo-verdianos como a Claridade surgiram no Mindelo), de aí residir aquela que era (e é, ainda) parte importante da comunidade de artistas e escritores». Também a «estrutura arquipelágica», dificultando a circulação de eventos terá contribuído para que Portugal tenha criado no Mindelo «uma extensão da sua acção cultural em Cabo Verde».

«De facto é a cidade onde estão talvez os artistas mais importantes, onde as pessoas têm uma actividade que não passa pelo Estado», explica a responsável do pólo, Ana Cordeiro, acrescentando que a vida da cidade decorre independentemente das iniciativas do Estado e das instituições oficiais. «É uma vida cheia de actividades. As pessoas vão criando as coisas e nesse aspecto têm um papel muito importante», refere.

O Mindelo é também o local onde foi criado o primeiro liceu de Cabo Verde. «Todos os intelectuais têm uma relação muito especial com o Mindelo, porque foi lá que fizeram o liceu». Só nos anos 60 é que foi criado o liceu na Praia. Só a partir daí, a Praia começa a ser uma referência para os quadros superiores. Antes disso era o Mindelo.

Foi percebendo essa importância da cidade que o Governo português, por provável sugestão da Embaixada de Portugal, terá criado em 1985 um centro cultural português na cidade.

No entanto, Ana Cordeiro detecta algumas nuvens no horizonte. Como noutros países, «a capital está de repente a crescer muito e isso faz-se por vezes à custa da província», diz. «Os jovens fogem para a capital», exemplifica. E esse fenómeno está a repercutir-se no Mindelo. «A cidade está a passar por um mau momento», que se reflecte também nos programadores culturais que «têm alguma dificuldade em montar as coisas».



Círculo Casa-Abrigo

## Circolando no Festival de Valladolid Sofisticação visual

■ Poucas coisas parecem tão longe da sofisticação conceptual e cénica do espectáculo que a companhia portuguesa Circolando apresenta a em Valladolid, Espanha, a 28 e 29 de Maio próximo, do que um festival de teatro e artes de rua (TAC).

Circo, dança, performances, intervenções urbanas, espectáculos de interacção com o público e, claro, teatro, dão corpo a este festival internacional, organizado pelo *ayuntamiento* de Valladolid e que já vai na 11ª edição, reunindo este ano, grupos da Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Portugal, Reino Unido, República Checa, Roménia, Turquia e Suíça.

A programação deste festival, que em 2009 teve 130 mil espectadores, foi concebida considerando que o teatro de rua é «uma forma de expressão contemporânea que parte de linguagens distintas» e

entende a arte como «a possibilidade de desmontar o mundo real para voltar a montá-lo, mas a partir de uma visão mais elevada», segundo explicou Javier Martínez durante a apresentação do TAC de 2010, que tem o apoio do Instituto Camões.

O espectáculo que a Circolando leva a Valladolid – *Casa-Abrigo* –, é uma criação colectiva com direcção artística de André Braga e Cláudia Figueiredo, estreada em 2008 numa co-produção entre a companhia e o Teatro Nacional de São João.

A peça «tomou como pontos de partida as obras de Gaston Bachelard e Louise Bourgeois, para chegar a um conjunto de palavras-chave que servem de guia, nomeadamente casas abandonadas, suspensas no tempo e reocupadas pela natureza, abrigos, refúgios, casulos e ventres», referiram os *media* na época.

Criada em 1999, a companhia Circolando reivindica-se de um

projecto artístico muito próprio, que se caracteriza por um teatro visual, interdisciplinar e experimental, que cruza «os universos do teatro físico, da dança, do teatro-imagem, do teatro de objectos, do circo, da música, do vídeo e das artes plásticas», segundo os seus responsáveis. O resultado é um teatro que constrói quadros sob a forma de fragmentos, «libertos de toda a lógica narrativa», acrescentam. As histórias, «mais do que contadas, querem-se livremente inventadas por um espectador contemplativo».

A singularidade do projecto da Circolando tem vindo a afirmar-se em múltiplos projectos – *Pequenos Insólitos* (2000) *Caixa Insólita* (2000), *Rabecas* (2001) *Giroflé* (2002), *Charanga* (2003), *Cavaterria* (2004), *A Galinha da Minha Vizinha* (2005), *Quarto Interior* (2006), *Mansarda* (2009) e *Paisagens em Trânsito* (2009).

### DIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CPLP

CONT. DA PÁGINA 1

ração entre os Estados membros que envolvem o campo da língua portuguesa: educação básica, incluindo a educação da infância, alfabetização e educação de jovens e adultos, ensino profissionalizante, educação técnica, profissional e tecnológica, formação técnica e científica, inicial e contínua, utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na educação, novas oportunidades de educação e formação.

O plano debruça-se depois sobre os sistemas de avaliação educativa relacionados com a aprendizagem da língua, encarregando o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) de fazer «um levantamento, junto aos Estados Membros, do perfil de saída dos alunos de língua portuguesa ao final do ensino básico e médio/secundário», com o objectivo de «examinar a viabilidade de adopção de marcos de referência comuns para a avaliação

de competências em língua portuguesa dos alunos ao final do ensino básico e médio/secundário».

O documento preocupa-se igualmente com a «a necessidade de incorporar abordagens de ensino de línguas em contextos de aprendizagem multilingues» nos currículos escolares, pelo que defende «o estudo, a preservação e o ensino das línguas nacionais de cada Estado» e a partilha de «experiências já existentes em educação bilingue».

O fomento do «intercâmbio de experiências na elaboração de matrizes curriculares e material didáctico» e o desenvolvimento de «mecanismos de cooperação para actualizar e/ou criar bibliotecas (físicas e virtuais) em instituições educacionais dos países da CPLP» é outra intenção elencada.

Num outro domínio, propõe «aprimorar mecanismos que permitam» estimular a graduação e a pós-graduação locais, e «promover as candidaturas de estudantes para vagas de graduação e pós-graduação oferecidas por universidades de Estados Membros da CPLP».

## República em Cabo Verde

■ O Mindelo vai ser em Outubro palco de um colóquio internacional a propósito do centenário da implantação da República portuguesa, organizado pelo Pólo do Mindelo do Centro Cultural Português/Instituto Camões, em colaboração com a Universidade de Cabo Verde e o Centro

de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra e com o patrocínio da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e da Fundação Calouste Gulbenkian.

«Vai ser um colóquio muito virado para os temas do colonialismo e do anti-colonialismo no ideário republicano», diz Ana Cordeiro, responsável do pólo, que assegura a participação de investigadores cabo-verdianos com contributos sobre o que foi a luta republicana em



MINDELO

Cabo Verde, desde o ultimatum até à República e que teve manifestações nas revoltas em Santo Antão. «Os republicanos cabo-verdianos tiveram um papel muito activo na política deste período de vinte anos, do fim do século [XIX]/princípio do século [XX]».



### Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113  
1150-279 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987  
[www.instituto-camoes.pt](http://www.instituto-camoes.pt)  
[jlencarte@instituto-camoes.pt](mailto:jlencarte@instituto-camoes.pt)  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Maria José Machado